

תּוֹרָה

A Lei de Moisés

Torá

Realização:

**Templo Israelita
Brasileiro Ohel Yaakov**



**Centro Educativo
Sefaradi en Jerusalem**



Apoio Cultural:



**Sociedade Cemitério Israelita
de São Paulo "Chevra Kadisha"**

TORÁ - A LEI DE MOISÉS -

©2001, 2017 by Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov,

Centro Educativo Sefaradi en Jerusalém e Editora e Livraria Sêfer Ltda.

Texto Hebraico: Der Shul Chumash ©1995, 1997 by Vagshal Publishing Ltd., Jerusalém.

Ilustrações do Tabernáculo: ©1996 by The Judaica Press, Inc., New York.

Todos os direitos desta edição reservados e centralizados através da

EDITORIA E LIVRARIA SÊFER LTDA.

Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil

tel.: (11) 3826-1366 fax: (11) 3826-4508 sefer@sefer.com.br

Livraria virtual: www.sefer.com.br

CONSELHO EDITORIAL

**BERNARDO LERER, DAVID GORODOVITS, ERWIN V. R. PAMPLONA, ISAAC LEVY,
JAIRO FRIDLIN (coordenador) e RUBEN NAJMANOVICH.**

Idealização, Produção, Redação e
Editoração do Texto em Português

Tradução de Textos em Espanhol

Digitação

Projeto Gráfico e Capa
Digitalização, Editoração e
Paginação do Texto em Hebraico

Editoração de Ilustrações

Revisão

Edição Final

Revisão Final

Revisão técnica

Editoração eletrônica e atualização

Agradecimento Especial

Jairo Fridlin

Isolina B. Vianna

Erwin V. R. Pamplona e Sra.

Iara Wajner Duobles

Ivo Minkovicius

Dagui Design

Thais Przewozinski

Jacob Levensztajn

Bernardo Lerer

Giuliana Bastos e André Bertoluci

Vitor Fridlin

LCT

Guita e Jacó Guinsburg, da Editora Perspectiva, que gentilmente autorizaram a reprodução de textos da obra *Sermões*, do rabino Menahem M. Diesendruck Z"l.

Agradecimentos

**Sheila Lindenbojm Fridlin, Ariela Najmanovich, Dr. José A. Nessim, Dr. Salvador Sarfatti,
rabino Baruj Garzon Serfatty, rabino Eliahu Baruch Valt, Nachum Shapiro,
Dra. Célia Opitz, Majer Chil Kochen, Ezequiel Holzman, Jack Strauss,
Carlo A. L. Carrenho, Daniel, Ariel e Natan Lorber Rolnik.**

Nota: Nas palavras transliteradas, adotou-se o “ch” para o som de “rr”,
como carro em português. Em respeito ao falecido autor, o rabino Matzliah,
a consoante hebraica *Vet* tem nesta obra o som de **B**.

איסור השגת גבול ידוע.

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio,
sem a autorização expressa da Editora e Livraria Sêfer Ltda.

2001, 2017

ISBN: 85-85583-26-6 978-85-85583-26-2

Printed in Brazil



Edição revisada e ampliada da obra

A LEI DE MOISÉS E AS HAFTARÓT

Tradução, explicações e comentários do rabino

Meir Matzliah Melamed Z"l

(publicada no Rio de Janeiro em 1962)

com comentários da edição em espanhol **Humash Hamercaz**,
textos e comentários extraídos do **Sidur Matzliah**, em português,
e as Megilot de Ester e Cânticos dos Cânticos, em português.

Enriquecida pelos comentários do rabino

Menahem Mendel Diesendruck Z"l

extraídos, mediante autorização, de sua obra **Sermões**

(© Editora Perspectiva, São Paulo, 1978)

Comentários compilados, redigidos e editados por

Jairo Fridlin

Inclui a tradução das Cinco Megilot,
três delas (Rute, Echá e Cohélet) traduzidas e comentadas por

David Gorodovits e Ruben Najmanovich

além de um moderno texto hebraico da Torá, das Haftarót e Megilot,
acompanhado da tradução de **Onkelos** para o aramaico e dos comentários exegéticos de
Rashi, Baal Haturim, Toldot Aharon e Icar Sifte Chachamim

A TRADUÇÃO DO PENTATEUCO

Tem havido muitas traduções totais ou parciais da Bíblia: desde o famoso *Codex de Alcobaça* até, em nossos dias, a tradução brasileira. Algumas com extensos comentários, como a de Figueiredo. Dentre as traduções parciais convém destacar a dos Salmos, de Santos Saraiva, *A Harpa d'Israel*, feita diretamente do hebraico e acompanhada de excelentes comentários. O certo, porém, é que todas elas padecem das dificuldades decorrentes da natureza desse famoso livro. Escrito em várias épocas, apresenta arcaísmos às vezes tão obscuros no seu contexto que têm dado margem até a interpretações cerebrinas, provocando sérias controvérsias.

A obra do rabino Matzliah, A LEI DE MOISÉS, é a tradução dos cinco livros de Moisés, ou Pentateuco. Os pontos pouco claros foram cuidadosamente estudados à luz da Tradição, quando a gramática e o significado não correspondiam ao sentido perfeito do assunto explicado.

Como todas as línguas, o hebraico sofreu ao longo dos séculos modificações semânticas de tal porte que, em certos trechos, seria um contrassenso traduzi-las pelo seu sentido da época da redação definitiva do livro. Das quatro formas de tradução, cuja sigla é "PaRDeS", ele preferiu o *pexat*, isto é, o sentido literal. Mas aí é que se revela o tradutor, visto que o significado das palavras varia. O rabino Matzliah conseguiu encontrar nesses casos o verdadeiro significado, como deve ser compreendido na estrutura da frase, desatando assim as inúmeras dificuldades com as quais comumente se depara o tradutor.

Naturalmente, o ilustre Rabi recorreu à língua hebraica, da qual é excelente conhecedor, como também aos grandes Mestres do Talmud e da Tradição e à vastíssima literatura rabínica para, afinal, esclarecer as dúvidas em tais trechos.

Os Profetas lidos na sinagoga depois da *Parashá* estão aí representados nos trechos selecionados para esse fim, também traduzidos com perfeição. Entre eles, estão as chamadas *Haftarot* de Consolação, extraídas de Isaías, que apresentam dificuldades às vezes insuperáveis. Contudo, o rabino Matzliah soube vencer os obstáculos e apresentar uma tradução correta e comprehensível. Agora, o israelita brasileiro pode com segurança acompanhar na LEI DE MOISÉS a leitura das *Parashiot* e também das *Haftarot* recitadas aos sábados nas sinagogas.

Em suma, este trabalho está destinado a representar no Brasil e para a língua portuguesa o que a tradução do Pentateuco do grão rabino L. Wogue representou para a língua francesa no século passado, ainda hoje proveitosamente consultada.

Rio de Janeiro, setembro de 1962.

David José Pérez

PREFÁCIO DA 1^a EDIÇÃO

Em todas as épocas, a Torá – fonte essencial da religião judaica – tem sido a base da unidade espiritual de Israel, e esta unidade é que tem lhe dado a força necessária para a sua sobrevivência. Assim, o estudo da Torá foi sempre um dever primordial para os adeptos da nossa religião.

Analisando a literatura judaica em português, verifiquei que faltava a tradução da LEI DE MOISÉS neste idioma, isto é, uma tradução fiel às interpretações dos nossos exegetas, os quais se inspiraram na Tradição, no Talmud e no Midrash.

Esta obra, posso afirmá-lo, é única em seu gênero, pois as traduções da Bíblia em português que examinei, quase todas se limitam a traduzir as palavras etimologicamente, deixando de lado o mais importante: o sentido que lhes deram os nossos doutores da Lei.

Esta tradução e os comentários que a acompanham têm como base as opiniões dos exegetas, tais como: Rabi Shelomo Yits'chaki (Rashi), Onkelos (Targum), Rashbam, Baal Haturim, Daat Zekenim Mibaale Hatossafot, as do Talmud e as do Midrash; também foram consultadas obras modernas de alguns comentaristas, escritas em vários idiomas, tais como *Variétés Homilétiques*, do Rabino M. Wolff, e outras; por fim, a opinião, explicações e comentários do próprio autor, na sua condição de rabino ortodoxo e conservador.

A extrema dificuldade deste trabalho assim realizado e sua grande importância não passarão despercebidas aos que possuem o conhecimento profundo do texto original. Resumindo, esta é uma obra de fé, baseada nos ensinamentos dos grandes mestres do judaísmo.

Hoje, mais do que nunca, parece-me necessário divulgar especialmente à nova geração, que só utiliza o idioma do país, o conteúdo da nossa mais Sagrada Escritura, para que saiba alguma coisa do que o judaísmo tem dado espiritualmente ao mundo, da sua história e da sua missão, como descendente do povo de Israel.

Conforme a tradição, o profeta Moisés explicou a Torá em setenta idiomas (Rashi, Deuteronômio 1:5 e 27:28); e o Talmud (*Sotá* 35) nos diz a razão: "Para que as nações do mundo possam copiá-la"; pois além de nós mesmos, todos devem conhecer a verdade sobre o conteúdo da LEI DE MOISÉS e a sua moral elevada. Se homens como mulheres, jovens como adultos, pessoas imparciais de todos os credos e amigos da verdade tirarem proveito deste livro, elaborado com boa fé, isto será minha recompensa.

Rio de Janeiro, Tishri 5723 – setembro 1962.

Rabino Meir Matzliah Melamed

Os súditos do príncipe pensavam: "Coitado, vai casar com uma princesa tão feia!" Os súditos da princesa ponderavam: "Quem sucederá ao nosso rei?"

Após a cerimônia, o príncipe teve a mais grata das surpresas ao conduzir a princesa para seu novo lar. Ela era bela, inteligente, meiga e instruída. Logo mostrou-se capaz de dialogar com cada um dos súditos, tornando-se amada por todos. A princesa também soube aplicar a ciência que seus preceptores lhe haviam transmitido para orientar os ministros, os quais, utilizando-se de seus conselhos, conseguiram encontrar novas formas de tratar o solo e alcançar colheitas tão boas como jamais haviam ousado pensar.

A alegria e a felicidade do príncipe cresceram a cada dia e, após algum tempo, levaram o príncipe a realizar a festa que não fora celebrada na ocasião do casamento. Dessa forma, ele permitiu que todo o povo participasse e manifestasse sua satisfação pela maravilhosa transformação que a vinda da princesa provocara.

* * *

Esta história baseia-se em uma parábola contada pelo Maguid de Dubno para explicar porque recebemos a Torá em *Shavuót* e somente alguns meses depois, em *Sucót*, é que realizamos uma festa de imensa alegria – *Simchat Torá* – para expressar toda a felicidade que sentimos pela sua outorga.

Quando recebemos a Torá, não conhecíamos seu conteúdo. Sabíamos apenas que era uma dádiva Divina e ante isso proclamamos *Naassé Venishmá* – cumprimos e escutaremos. Com reverência e respeito, recebemos os mandamentos transmitidos por *Hacadosh Baruch Hú*, por meio de Moisés, sempre dispostos a cumprir todas as suas determinações.

No entanto, à medida que as leis eram explicadas ao povo, este percebeu que elas forneciam a chave não para alcançar a grandeza material dos impérios pagãos existentes na época, mas sim para dar significado a todos os momentos de sua existência, proporcionando a este mesmo povo a incomparável felicidade de se viver segundo os preceitos da Torá. Diante desta percepção, surgiu a necessidade de dar vazão à alegria que contagiou a todos, o que foi feito na festa de *Simchat Torá*, onde todos dançam e cantam com entusiasmo e agradecem ao Eterno sua dádiva incomparável.

A Torá tornou-se a base legislativa de todos os povos do mundo ocidental. Mesmo as religiões derivadas do judaísmo continuaram a cultuá-la. Ela foi traduzida para quase todas as línguas, embora algumas traduções não tenham mantido o sentido correto das palavras hebraicas do texto original.

A primeira tradução portuguesa verdadeiramente judaica, elaborada por um rabino de conhecida erudição, é a que reeditamos neste volume, acrescida de comentários do tradutor, dos editores e do saudoso rabino Diesendruck. Esta tradução manteve-se fiel ao texto hebraico, ainda que algumas vezes a formação das frases em português possa parecer estranha.

Nassé Venishmá. *Nassé* – cumprimos. Através de séculos de penosos caminhos de sua história, o povo judeu dedicou-se a cumprir os mandamentos Divinos acima de qualquer outra coisa. *Nishmá* – escutaremos. Na realidade o sentido aqui é mais de “estudaremos” do que de “ouviremos”. Temos, portanto, a missão de buscarmos, dentro do limitado nível da percepção humana, a compreensão dos textos Divinos a nós transmitidos pelo maior profeta e líder que já viveu – Moisés, nosso mestre.

P R E F Á C I O À NOVA EDIÇÃO

“Lembrai-vos da LEI DE MOISÉS, Meu servo,
a quem ordenei, em Horeb, estatutos e leis para todo o Israel.”
Malaquias 3:22

Eis que havia um reino muito próspero, vizinho de um outro muito pobre. Enquanto no primeiro o solo era generoso e proporcionava fartas colheitas sem grandes esforços dos lavradores, o segundo tinha um solo árido que obrigava seu povo a uma árdua labuta para se alimentar e sobreviver.

Os reis do primeiro, no entanto, sofriam de profunda tristeza por não terem herdeiros. Até que um dia, após muitos anos, divulgou-se a feliz notícia de que um herdeiro ou herdeira nasceria dentro de alguns meses. Uma imensa alegria inundou o coração de todos os súditos, deixando os futuros pais radiantes de felicidade.

Convocados pelos soberanos, os sábios do reino se puseram a elaborar previsões para o futuro do herdeiro real, e todos aguardavam ansiosamente seu pronunciamento. Os sábios, no entanto, hesitavam em apresentá-lo, mas, instados pelo casal real, relataram finalmente as tristes conclusões a que haviam chegado.

Os sábios fizeram a seguinte declaração: “A rainha dará a luz uma menina e prevemos que ela não será feliz, porque há de casar com alguém que não lhe dedicará amor algum. O interesse de seu esposo estará totalmente voltado para o trono, do qual ele logo procurará apoderar-se.”

O rei, então, decidido a evitar que tal previsão se tornasse realidade, conclamou os sábios a buscar meios para evitar sua realização. Ouvindo atentamente seus conselhos e colocando-os em prática, o rei fez construir, ao lado do palácio real, aposentos isolados de todos os demais. Assim que a princesa nasceu, ela foi levada a estes aposentos, aos quais só tinham acesso seus preceptores e seus pais.

Consequentemente, a princesa cresceu sem que ninguém pudesse vê-la e, ao atingir a idade em que deveria se casar, uma proclamação foi enviada a todos os reinos, informando que a mão da princesa seria dada em casamento àquele que aceitasse duas condições: a princesa só poderia ser vista após o casamento e ela seria deserdada imediatamente após a cerimônia.

A princípio, ninguém se interessou por tal casamento, pois todos imaginavam que a princesa era tão feia que o rei tinha receio de que qualquer pretendente desistisse do casamento ao contemplá-la. Também era uma crença geral de que a princesa deveria ser uma filha desobediente que irritou seu pai de tal forma que este decidiu deserdá-la.

O príncipe do reino vizinho, no entanto, analisava a situação de forma diferente. “Esta princesa”, pensava ele, “deve ter sofrido muito por ser tão feia e tão pouco amada por seus pais. Este sofrimento deve ter sensibilizado seu coração, tornando-a capaz de compreender e amar meu povo, que é também tão sofrido.” Então, ele resolveu aceitar o casamento, o qual se realizou sem nenhum festejo.

esta, por exemplo: “O objetivo elevado e sagrado das nossas interpretações das *Parashiot* é ilustrar e comentar os eternos ensinamentos da sagrada Torá à luz do pensamento moderno, mas fiéis às eternas e velhas prescrições da Torá escrita e oral, transmitindo-as às novas gerações em roupagem atualizada, demonstrando assim aos jovens que nos leem a veracidade, perpetuidade e imutabilidade da Torá que consideramos *Torat Chayim*, doutrina de vida.”

Os Editores também apresentam comentários sobre passagens consideradas “controvertidas” e “nebulosas”, e foram além de uma única linha interpretativa, dentre as muitas possíveis. Procuraram trazer aos leitores informações e sínteses exegéticas dos grandes mestres do judaísmo de várias épocas. Em vez do detalhe técnico e específico, que pode ser encontrado em obras mais profundas e destinadas ao público interessado, priorizaram a atualidade dos eternos ensinamentos da Torá. Os Editores esforçaram-se em revelar, principalmente para a sociedade contemporânea em busca de ideais e valores em que possa pautar sua conduta e convivência harmoniosa, o sentido de esperança que emana dos ensinamentos bíblicos.

As observações com a letra E (de Editores) entre parênteses diferencia-as das análises sutis do rabino Matzliah Z”L (sem abreviatura) e das do rabino Diesendruck (MD). Além disso, as fontes consultadas compõem a bibliografia deste livro.

* * *

Se, por intermédio desta obra, conseguirmos irradiar para a Humanidade um pouco da imensa luz da Torá e, assim, banir um pouco a escuridão, o ódio e a intolerância que ainda existem em nosso planeta, nosso esforço terá sido compensado, e nossa missão, cumprida.

São Paulo/Rio de Janeiro/Porto Alegre/Belém, Tevet 5761 - janeiro 2001.

Os Editores

Em cada geração, foram escritos dezenas e dezenas de livros de comentários que objetivavam uma melhor compreensão da Torá. Muitos foram os que dedicaram toda a sua vida ao estudo desta obra Divina. Em nossa edição procuramos selecionar um pequeno número de comentários entre os muitos existentes. Acreditamos que esta pequena seleção de comentários poderá trazer esclarecimentos aos leitores, assim como motivá-los a aprofundar seu conhecimento por meio de grandes autores, tais como Rashi, Maimônides, Nachmanides, Sforno, Nechama Leibowitz, Cassuto, Malbim e muitos outros.

Que o Eterno inspire cada componente de *Am Israel* a reafirmar através de sua vida o lema de *Nassé Venishmá*: “cumprirei os mandamentos do Eterno e buscarei iluminar minha vida através de sua compreensão”.

* * *

Os Editores ativeram-se à tradução original e precisa do rabino Matzliah Z”L dos textos sagrados (mas não dos comentários), resistindo à tentação de modificar e simplificá-la em nome da modernização. Sem dúvida poderiam ter substituído, por exemplo, “*E falou o Eterno a Moisés*” por “*O Eterno [sujeito] falou [verbo] a Moisés [objeto indireto]*”. O texto ficaria mais claro, direto e moderno. Mas, além do fator subjetivo – o de se sacrificar o “sabor hebraico” que impregna o texto de forma tão marcante –, decidiram mantê-la por ser a única no mercado editorial brasileiro realizada diretamente do hebraico e de acordo com a milenar interpretação dos mestres do Talmud. Mas foi preciso atualizá-la, atendendo às transformações sofridas pela língua portuguesa desde sua publicação, há 39 anos, quanto à gramática, acentuação, regência, concordância e pontuação.

Além disso, determinadas palavras de compreensão mais difícil, ou arcaicas, foram substituídas por outras, mais conhecidas e modernas. Para os nomes próprios, foi adotada a sua forma hebraica, exceto os “consagrados”, mantidos em sua forma latina já conhecida. Quando necessário, a forma hebraica (ou latina) dos mesmos é citada entre colchetes. Todavia, em alguns casos, em que se comprometia a compreensão, não hesitaram em inverter o sujeito com o predicado ou alterar uma complicada forma verbal por outra mais simples. Foram também corrigidas imprecisões e antigas falhas de editoração apontadas por leitores atentos. Esperamos que se dê a mesma atenção a esta nova edição. Assim, cada vez mais, esta obra se aproximará da perfeição.

Tendo ao lado o moderno texto hebraico da famosa Editora Vagshal, de Jerusalém, os leitores poderão constatar como o saudoso rabino Matzliah se manteve fiel ao texto bíblico e aos exegetas clássicos, especialmente Onkelos (a tradução aramaica da Torá) e Rashi. Ou mesmo aperfeiçoar seu estudo do hebraico, pois há uma perfeita sincronia entre os textos hebraico e português.

Nesta edição, os Editores também consideraram os *Teamé Hamicrá* (sinais de vocalização musical) para fins de pontuação, e deixaram certos “espaços” no texto, de acordo, aliás, com os “espaços” em branco (*Parashá Petuchá* e *Setumá*) de um rolo da Torá convencional, segundo a tradição massorética. Ainda colocaram entre aspas as orações diretas de Deus, embora toda a Torá seja a expressão da palavra de Deus Altíssimo.

A compilação e redação dos comentários acrescentados a esta edição seguiram o mesmo critério do saudoso rabino Menahem M. Diesendruck Z”L para elaborar as mensagens, extraídas de sua obra *Sermões* e citadas neste livro sob a abreviatura MD. Como

הַפְּתָרָה H A F T A R Á

Com este nome se designa a parte dos profetas que se lê nas sinagogas depois da leitura da Torá, após o serviço matutino (*Shacharit*) de sábado, dos dias de festas, do dia de jejum de Nove de Ab, e também nas rezas da tarde (*Minchá*) do Dia do Perdão (*Iom Kipúr*) e dos dias de jejum. O texto da Haftará trata geralmente de assunto similar ao do texto da Torá e ao qual corresponde.

Existem diversas opiniões quanto à primeira data em que se adotou o costume de ler a Haftará. Alguns rabinos supõem que se iniciou imediatamente depois da clausura dos livros dos profetas. O Rabino Abudarham remonta este costume ao tempo das perseguições, sob o reinado de Antíoco Epifânio IV (168-165 a.e.c.), que proibiu a leitura da Torá mas era indiferente aos livros dos profetas, que considerava livros de moral em geral. A leitura da Haftará ficou assim, para sempre, mesmo quando não era mais proibida.

O número dos versículos lidos na Haftará são no mínimo vinte e um, aos sábados, e quinze, nas festas, cabendo três para cada um dos sete ou cinco chamados à leitura da Torá, pois não se pode ler menos de três versículos para cada um deles. Por isso, foi chamada Haftará (desobrigação), porque com sua leitura desobrigavam-se do dever da leitura da Torá quando esta era proibida. Porém, se o assunto de que trata a Haftará acaba antes deste número de versículos, pode-se ler menos, como acontece no *Shabat Teshuvá*, em *Simchat Torá* e outras. A palavra Haftará significa também conclusão, despedida ou permissão para despedir-se da leitura da Torá.

Uma outra opinião (Dr. Bechler. J. Q. R. VI) diz que a Haftará foi instituída em oposição à crença dos saduceus e samaritanos, que acreditam somente na Lei de Moisés e rejeitam os Livros dos Profetas (vide *Otsar Israel* IV, 174). Esta opinião não tem fundamento, pois os saduceus como os caraítas creem na Bíblia inteira e rejeitam somente o Talmud e seus comentários.

A leitura da Haftará foi mencionada no Talmud (T. J. *Meguilá* 4,3 e T. B. *Meguilá* 23a). Em *Massechet Sofrim* 13,9 e 14,5 (*Pessachim* 117b) etc., foram citadas as bênçãos que se leem antes e depois da leitura da Haftará. Segundo o Talmud (*Guitin* 60a), entende-se que naquele tempo havia um livro de Haftarot para todo o ano. Não se tendo hoje conhecimento da classificação das Haftarot de acordo com este livro, e como no Talmud não se encontram referidas todas as Haftarot salvo as das festas, as dos quatro sábados especiais (*Tossafot Meguilá* 30a, *Taanit* 12a) etc., por estas razões existem em algumas *Parashiot* diferenças de seleção de trechos lidos como Haftará entre os israelitas do rito *Ashkenaz* e aqueles do rito *Sefarad*.

O Talmud (*Shabat* 24) faz supor que se lia a Haftará também aos sábados (10 versículos), durante a reza da tarde. Apesar de não continuarmos a fazê-lo, nas comunidades israelitas da Pérsia é mantido, ainda hoje, este costume.

Embora os israelitas de rito *Ashkenaz* e algumas comunidades de rito *Sefarad* costumem designar a seus filhos, a partir de sete anos, ou por ocasião do Bar Mitsvá destes, para ler a Haftará (exceto algumas Haftarot), a maioria dos “*Sefaradim*” do mundo não permite que seus filhos sejam chamados à Torá como *Maftir*, leiam a Haftará ou rezem o *Cadish*, enquanto os pais estão vivos. O costume de ler a Haftará por um falecido parece ter se originado do que relata o *Bet Iossef* (*Ioré Deá* 376) a respeito de um homem que morreu e falou por meio do sonho a um vivo e disse-lhe: “Não há quem me salve a não ser que meu filho reze o *Cadish* ou leia Haftará em minha memória”. Uma outra razão dada é porque a palavra Haftará (parte final ou despedida) tem relação com a palavra *Niftar* que significa “se despediu” (do mundo). Outros atribuem o costume a estas palavras contidas nas bênçãos de após a leitura da Haftará: “*Velaaluvat néfesh toshía*” (“e a alma entrustecida, salva-a”), que, segundo a Cabalá, fazem alusão à alma do falecido, triste e abatida por seus pecados, e à sua redenção pela qual o filho está rezando a Haftará. De forma semelhante escrevem os livros *Zóhar* (*Parashat Acharé-Mot*) e *Ben Iochai*, pág. 127. Costuma-se ler a Haftará no sábado anterior ao aniversário do falecimento.

NOTA: Para a tradução das Haftarot, o autor baseou-se principalmente nos comentários dos exegetas: Rashi, *Metsudat David*, *Metsudat Tsión*, *Malbim* e no *Targum Ionatan ben Uziel*.

תֵּבֶרֶת A LEI DE MOISÉS

Chama-se “Lei de Moisés” ou “Pentateuco” (em hebraico *Chumash*, *Chamishá Chumshê Torá* ou simplesmente *Torá*) ao conjunto dos cinco primeiros livros da Bíblia, que são:

בראשית	Bereshit.....
Êxodo	Shemót.....
Levítico	Vayikrá.....
Números	Bamidbar
Deuteronômio	Devarim

Os nomes que derivam do grego estão relacionados com o conteúdo, enquanto as denominações hebraicas são constituídas pela primeira ou principal palavra do início de cada livro.

A autoria do Pentateuco é atribuída a Moisés, que o escreveu sob inspiração Divina. A crença afirma que a *Torá* que possuímos hoje é a mesma que nos transmitiu Moisés. Esta afirmação faz parte dos Treze Artigos de Fé Judaica de Maimônides (*Shelosh-Esrê Icarim leHarambam*).

Existem três diferentes redações do Pentateuco: a judaica, a samaritana e a grega da *Versão dos Setenta* (Septuaginta) e sua versão latina, denominada *Vulgata*. A mais próxima à judaica é a grega. A redação judaica foi vocalizada pelos rabinos massoraítas, aproximadamente no século VII depois da era comum. A redação samaritana, a mais recente das três, difere bastante da judaica e da versão grega.

O Pentateuco contém a história do Homem, a origem do povo hebreu e toda sua legislação civil e religiosa, finalizando com a morte de Moisés.

Quanto à autoria dos oito versículos finais da *Torá*, que tratam da morte e sepultamento de Moisés (Deuteronômio 34:5), o Talmud (*Baba Batra* 14b) a atribui a Josué, seu sucessor, que acompanhou o seu mestre até os últimos momentos.

A *Torá* contém cinco mil oitocentos e quarenta e cinco versículos.

בראשית GÊNESIS

O primeiro livro do Pentateuco chama-se Gênesis, isto é, “origem”, e em hebraico *Bereshit*, que significa “no princípio”. Esses títulos são adequados a um livro que trata da criação do mundo, das origens do gênero humano e da iniciação da história do povo hebreu.

O livro está dividido em três partes: a primeira trata do princípio do Mundo e da Humanidade (Capítulos 1-12); a segunda da vida patriarcal (Capítulos 12-36) e a terceira da história de José, até o fim do livro.

O professor Humberto Casuto, da Universidade de Jerusalém, demonstrou claramente em seu livro *La Questione Della Genesi*, com documentos e amplas explicações, a unidade do Gênesis. Todos os esforços feitos para desmembrar este livro e diminuir sua importância foram inúteis e, portanto, a tradição judaica que atribui a autoria do Pentateuco ao profeta Moisés, triunfa até hoje.

As primeiras palavras do Gênesis, que tratam da Cosmogonia, são plenas de solene majestade. Sem adornos nem fantasias inúteis, impressionam justamente por isto. Somente Deus existia naquele tempo, com a sua Onipotência e a sua vontade de criar o mundo. Este conceito tão elevado da realidade e do pensamento humano está expresso de maneira simples e sem nenhum esclarecimento sobre o feito maravilhoso da Criação.

Os primeiros capítulos do Gênesis encerram em si os profundos princípios e mistérios da Criação, tal como foram revelados no Talmud e na Cabalá. Além de ser proibido pela religião, é impossível considerar o sentido literal ou aparente desses capítulos. O verdadeiro sentido é muito mais profundo, e seu estudo necessita de um prévio conhecimento das doutrinas completas da Torá.

(N.E.: Atualmente, a teoria aceita pela maioria dos cientistas é a chamada de *Big Bang*, apresentada em 1946 por George Gamow e que pode ser assim expressa: num dado instante, nosso Universo não existia e, no instante seguinte, passou a existir. Segundo a teoria, há cerca de 15 bilhões de anos, apareceu subitamente do nada uma colossal fonte de energia, chamada de bola de fogo primordial. Percebemos, de imediato, que esta formulação traduz a ideia da criação *ex nihilo*. O fantástico desenvolvimento ocorrido durante as últimas décadas no estudo da cosmologia, astrofísica, astronomia, geologia, paleontologia e biologia molecular nos permite afastar a cortina misteriosa que encobria as etapas da Criação e perceber que, somente agora, começa o homem a ter uma pálida compreensão das mesmas. Aliás, segundo muitos comentaristas, os seis dias da Criação não se referem a dias de 24 horas, mas sim a etapas sucessivas de duração variável. Em outras palavras, o nível atual de nosso conhecimento anula o pretenso conflito entre o que nos ensina o Livro de *Bereshit* e o que nos afirma a Ciência.)

A segunda parte narra a história dos patriarcas Abrahão, Isaac e Jacob. Essa história demonstra a existência da ideia monoteísta entre esses antigos patriarcas do povo de Israel, que foram homens e não figuras divinas. Com o caráter essencialmente humano, tiveram uma fé religiosa superior, pela qual compreenderam a Unidade de Deus, permanecendo fiéis a Ele, cuja existência sentiram em toda parte. O estilo é narrativo e às vezes dramático, como o relato do sacrifício de Isaac, o engano de Jacob e a ira de Esaú. Esta parte termina com a triste e falsa notícia da morte de José.

A terceira parte é dedicada, principalmente, à história de José e atinge uma dramaticidade elevada e humana no relato do encontro de José com seus irmãos.

O Gênesis conclui com o estabelecimento, no Egito, dos doze filhos de Jacob, fundadores das doze tribos de Israel, e com a morte de José, para narrar outro período importante da história dos israelitas, no segundo livro: o Êxodo.

O Gênesis tem doze seções, lidas no *Séfer Torá* (Rolo da Torá) nas casas de oração em doze sábados, a partir do primeiro sábado após a festa de *Simchát Torá*.

Esse primeiro livro do Pentateuco contém mil quinhentos e trinta e quatro versículos.

ÍNDICE

VII	Prefácio da 1ª Edição	XVI	Preces para a Leitura da Torá
VIII	A Tradução do Pentateuco	1	A Lei de Moisés
IX	Prefácio à Nova Edição	613	Haftarót Especiais
XIII	A Lei de Moisés (Introdução)	633	Meguilót
XIV	Haftará (Introdução)	685	Bibliografia
XV	Índice		

בראשית / Bereshit / Gênesis

בראשית	1	Bereshit	מצורע	328	Metsorá
נח	16	Nôach	אחרי	337	Acharê
לך	29	Lech Lechá	קדושים	346	Kedoshím
וירא	42	Vaierá	אמור	354	Emór
חי שרה	58	Chaié Sará	בהר	366	Behar
תולדות	68	Toledot	בחקתי	373	Bechucotai
ויצא	78	Vaietsê			
וישלח	92	Vayishlach			
וישב	106	Vaieshev			
מקץ	118	Mikêts			
ויגש	131	Vayigásh			
ויחי	141	Vaichi			

שמות / Shemot / Êxodo

שמות	153	Shemot	דברים	503	Devarim
וארא	167	Vaerá	ואתחנן	515	Vaetchanán
בא	180	Bó	עקב	528	Ékev
בשלח	193	Beshalách	ראה	540	Reê
יתרו	208	Yitró	שופטים	555	Shofetim
משפטים	218	Mishpatim	כי תצא	566	Ki Tetsê
תרומה	232	Terumá	כי תבוא	578	Ki Tavô
צווה	243	Tetsavê	נצח	590	Nitsavim
בי תשא	255	Ki Tissá	וילך	595	Vaiélech
ויקдел	271	Vaiac'hel	הazziנו	599	Haazínu
פקוד	280	Pecudê	וזאת הברכה	606	Vezot Haberacha

ויקרא / Vayicrá / Levítico

ויקרא	288	Vayicrá			
צ	301	Tsav			
שמיני	310	Shemini			
תזריע	321	Tazría			

במדבר / Bamidbar / Números

במדבר	383	Bamidbar	נשא	395	Nassó
בעהולותך	410	Behaalotechá	שלח	425	Shelách
קרח	436	Côrach	חקת	446	Chucat
בלק	457	Balac	פנחס	468	Pinechás
מטות	482	Matót	מסע	492	Masé

דברים / Devarim / Deuteronômio

דברים	503	Devarim	ויאתchanán	515	Vaetchanán
ויאתchanán	515		עקב	528	Ékev
ראה	540		שופטים	555	Shofetim
שופטים	555		כי תצא	566	Ki Tetsê
כי תבוא	578		כי תבוא	578	Ki Tavô
נצח	590		נצח	590	Nitsavim
וילך	595		וילך	595	Vaiélech
הazziנו	599		הazziנו	599	Haazínu
וזאת הברכה	606		וזאת הברכה	606	Vezot Haberacha

1. Porção Semanal Bereshit

1 ¹ No princípio criou Deus os céus e a terra. ² E a terra era vazia e vazia, e (havia) escuridão sobre a face do abismo, e o espírito de Deus se movia sobre a face das águas. ³ E disse Deus: "Seja luz!" E foi luz. ⁴ E viu Deus a luz que (era) boa; e separou Deus entre a luz e a escuridão. ⁵ E chamou Deus à luz, dia, e à escuridão chamou noite; e foi tarde e foi manhã, dia um. ⁶ E disse Deus: "Haja expansão

foi tarde e foi manhã, dia um. **6** E disse Deus: “Haja expansão no meio das águas e que separe entre águas e águas!” **7** E fez Deus a expansão; e separou entre as águas debaixo da expansão e entre as águas de cima da expansão. E foi assim. **8** E chamou Deus à expansão, céus.

Capítulo 1

1. No princípio – Os primeiros capítulos do Gênesis narram os primórdios da Criação. Por serem muito profundos, é difícil compreender todo seu conteúdo sem um conhecimento prévio dos ensinamentos da Torá, conforme foram revelados no Talmud e na Cabalá.

No princípio – Bereshit (por causa de *Reshit*): O Talmud proclama que o Universo não teria sido criado se não fosse pelo mundo espiritual, pela palavra Divina, pela Torá, chamada *Reshit*, princípio de tudo (*Pessachim* 68b).

criou Deus – *Elohim* (Deus) tem, em hebraico, a forma plural, para indicar que Deus comprehende e unifica todas as forças infinitas e eternas. E para que não se pense que são muitos deuses, o verbo *Bará* (criou) foi empregado no singular, imediatamente depois de *Elohim*.

O exegeta Abraham Ibn Ezra (1089-1164) argumenta que esta palavra não é nada além de um plu-

ral majestático concebido pelo homem devido às múltiplas e ilimitadas manifestações de Deus. (E) **os céus e a terra** – No primeiro versículo do Gênesis, vemos a intenção evidente de dar ao homem a consciência de que tudo se deve à Criação Divina. Os mitos antigos atribuem a existência do mundo ao resultado das lutas dos múltiplos deuses, ou como nascido da casualidade e do capricho. Porém, a Torá quer nos mostrar o Universo como expressão da vontade Divina (na linguagem da Cabalá, *Tsmitsum*);

a Criação como princípio de tudo, e não a Criação em si, mas a Providência – isto é, Deus – como Criador, Legislador e Condutor do Universo.

2. vã – Assim é interpretado pela tradução aramaica de Onkelos, enquanto o exegeta Rashi (Rabi Shelomo Yits'chaki, 1040-1105) explica que a palavra *Tôhu* (vã) significa assombro e consternação pela vacuidade (vazio) em que se encontrava a terra.

e o espírito de Deus se movia – Para a maioria dos tradutores é difícil traduzir estas palavras, que têm um sentido difícil de captar por nosso limitado entendimento. Segundo Rashi, significam que o trono Divino movia-se por ordem de Deus e por meio de alento (*Rúach*) exalado por Sua boca, sobre a face das águas, aparentemente para dar o alento da vida à matéria inanimada (cf. Gênesis 2:7 e Isaías 42:5). A tradução aramaica de Ionatan ben Uziel diz: “... e o espírito de misericórdia procedente de Deus soprava sobre a face das águas.”

sobre a face das águas – Rashi propõe que o primeiro versículo do Gênesis seja traduzido assim: “¹ No princípio, *ao criar* Deus os céus e a terra, ²a terra era vã etc.”, pois a Escritura Sagrada não quer mostrar aqui a ordem da Criação; a prova disso é que o fim do segundo versículo sugere que as águas já existiam antes dos céus e da terra.

5. dia um – Muitos doutores da Lei tratavam de conciliar a data da era hebraica com as últimas descobertas científicas, que revelam, baseadas no “relógio de

אונקלות

א בקרטוני ברא יי זת שמייא ווית אערטא
ב ואערטא חות אדריא ווירקיניא ווישוקא
פרש על אפי תחופה וויזוא פון געם זי
פונשכא על אפי פמייא וואפר זי יהו
נהורא וויהה נהורא: דתוחא זי זת דטורא
ארוי טב ואפרש זי בין נהורא ובין
חשוקא: הוקרא זי לנהורא יספא
ולחטcka קרא ליליא וויהה רפס וויה
אפר יוספא חד: וואפר זי יהוי רקייעא
במציעות פמייא וויהי מפריש בין פמייא
לפמייא: וועבד זי זת רקייעא ואפריש בין
פמייא די מלער לזרקיעא ובין פמייא די פעל
לזרקיעא וויהה בין הוקרא זי לרקייעא

1

1

e para separar entre a luz e entre a escuridão. E viu Deus que era bom. **19** E foi tarde e foi manhã, quarto dia. **20** E disse Deus:

"Producam as águas réptil de alma viva e ave que voe sobre a terra, sobre a face da expansão dos céus." 21 E criou Deus os grandes peixes e toda alma viva que se arrasta, que as águas produziram segundo suas espécies, e toda ave segundo sua espécie. E viu Deus que era bom.

22 E abençoou-os Deus dizendo: “Frutificai e multiplicai e enchei as águas nos mares! E a ave se multiplique na terra”. **23** E foi tarde e foi manhã, quinto dia. **24** E disse Deus: “Produza a terra alma viva

manhã, quinto dia. **24** E disse Deus: “Produza a terra alma viva segundo sua espécie, quadrúpede e réptil e animal da terra segundo sua espécie.” E foi assim. **25** E fez Deus o animal da terra segundo sua espécie, e o quadrúpede segundo sua espécie, e todo réptil da terra segundo sua espécie. E viu Deus que era bom. **26** E disse Deus: “Façamos homem à nossa imagem segundo a nossa semelhança; e que domine sobre o peixe do mar e sobre a ave dos céus, e sobre o quadrúpede e em toda a terra, e em todo réptil que se arrasta sobre a terra!” **27** E criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea criou-os.

21. grandes peixes – Os antigos babilônios acreditavam que os deuses criaram o mundo depois de uma árdua luta entre os fabulosos dragões que haviam precedido à Criação. A Torá ensina que mesmo estes são produtos da criação de Deus. É por este motivo que no relato do Gênesis nenhum animal é designado particularmente, exceto os *Taninim*, que significam também dragões.

24. quadrúpede – A referência da Escritura, aqui, é específica aos quadrúpedes domésticos.

26. Façamos homem – Antigamente, era costume entre os reis e grandes personalidades empregar o plural “majestático” ao falar de si mesmos (vide 2 Samuel 24:14); o *Midrash (Bereshit Rabá 8)*, porém, comenta que Deus se aconselhou com os anjos sobre a conveniência de criar o homem ou não.

à nossa imagem – Maimônides (1135-1204), em sua obra *O Guia dos Perplexos*, distingue dois conceitos:

Tsélem (Forma) e *Demut* (Semelhança), de *Tôar* (Aspecto) e *Tavnit* (Configuração). *Tôar* e *Tavnit* significam a figura material, enquanto *Tsélem* e *Demut* a forma espiritual. A Torá, ao indicar *Tsélem* e *Demut*, define o espírito e nos confronta com um dos princípios básicos do judaísmo. Não se pode elevar a Deus por intermédio da matéria, *Tôar* e *Tavnit* (vide Isaías 44:13), e sim por meio do espírito, *Tsélem* e *Demut*. Somente assim o homem pode aproximar-se de Deus.

27. à sua imagem – Com a imagem criada por Deus para formar o homem, o que não significa a imagem própria de Deus, pois Deus não tem forma alguma, como está explicado no terceiro dos treze princípios da fé de Maimônides. *"En lo demut haguf, veeno guf"* (Ele não tem nenhuma forma, é incorpóreo).

à imagem de Deus o criou – O homem foi criado com uma semelhança espiritual à de Deus.

אונקלום

28 E abençoou-os Deus e disse-lhes Deus: “Frutificai e multiplicai, e enchei a terra e subjugai-a, e dominai sobre o peixe do mar e sobre a ave dos céus, e em todo animal que se arrasta sobre a terra.” **29** E disse Deus: “Eis que vos tenho dado toda erva que dá semente que (se acha) sobre a face de toda a terra, e toda árvore em que há fruto de árvore que dê semente; a vós servirá para comer. **30** E para todo animal da terra e toda ave dos céus, e tudo o que se arrasta sobre a terra, em que haja alma viva; e toda verdura de erva (será) para comer.” E foi assim. **31** E viu Deus tudo o que fez e eis que era muito bom; e foi tarde e foi manhã, o sexto dia.

2 ¹ E acabaram (de criar-se) os céus e a terra, e todo seu exército.
² E terminou Deus, no dia sétimo, a obra que fez, e cessou no dia sétimo toda a obra que fez. ³ E abençoou Deus ao dia sétimo, e santificou-o, porque nele cessou toda sua obra, que criou Deus para fazer. **SEGUNDO** ⁴ Estas são as origens dos céus

Capítulo 2

Nachmândes (1194-1270) interpreta estas palavras como “imortalidade do homem”. Outros opinam que esta sentença se refere ao fato de que só o homem possui autoconsciência, isto é, ele sabe que vive e que deve morrer. Geralmente é aceita a interpretação de Rashi, que entende nesta expressão “o privilégio do

Capítulo 2

1. todo seu exército – Segundo Nachmândes, a palavra hebraica *Tsevaám* inclui a terra com seus reinos vegetal e animal, os corpos celestes, os luminares, as estrelas e também os seres espirituais, inclusive a alma dos seres humanos. (E)

raciocínio”, a capacidade de observar a realidade e deduzir conclusões racionais. O filósofo Saadia Gaon (882-942) sugere que “a imagem de Deus se refere ao domínio do homem sobre a terra, assemelhando-se ao seu Criador. Os atributos de inteligência e de domínio expressam a mesma qualidade, ou seja, a capacidade criativa do homem.” (MD)

2. e cessou – Antes de formar, no sexto dia, o homem, o ser mais importante da Criação, Deus preparou-lhe o máximo de conforto e felicidade. O sol, a lua e as estrelas para iluminar o seu caminho; as flores para gozar de seus perfumes; os pássaros para entoar-lhe os seus cânticos harmoniosos, e todos os bens da terra para desfrutar deles segundo o seu desejo.

macho e fêmea criou-os – No capítulo 2:21, a Escritura conta em detalhes como Deus fez para criar a mulher, sem qualquer contradição entre ambas as passagens.

30. para comer – A princípio, Deus concedeu ao homem comer verduras e frutas, e aos animais ervas. Mais tarde, porém, permitiu-lhe comer também a carne de animais (vide Gênesis 9:3).

3. porque nele cessou toda sua obra – A observância do *Shabat* é o sinal que testemunha que o Eterno é o Criador do Universo e que completou Seu trabalho no sétimo dia. Nós, entretanto, devemos

אונקלום

טורים

(כח) ורדנו ברגנת הים. כ' נמסכה הכל וליהק וכלו נט פלרכיטים מלו זיגרים יבזו מפ' גנומ' הבם וטף גלון יבזו נס כלב

עיקר שפטין חכמים